





Para ler Consumismo e felicidade

Consumo não é consumismo

O dinheiro possui o significado universal que é ser um meio de trocas, socialmente, estabelece alguns contornos e confere um estilo de vida determinado pela capacidade e oportunidade de alavancagem financeira. Mas, a relação com o dinheiro é absolutamente singular. A forma de gastar, investir e "sentir" o dinheiro está relacionada com os significados inconscientes de cada um. O que representa ter? Quanto é necessário? Tais questões, podem ser respondidas considerando dois aspectos: primeiro, pelas razões concretas de segurança, conforto, empreendedorismo, etc. Segundo, pelos afetos, fantasias e desejos particulares que constituem cada indivíduo. Portanto, considerar a subjetividade é tão importante quanto conhecer as pretensões objetivas. Por exemplo, quantas pessoas racionalmente decidem que vão economizar mais, ou vão parar de fumar ou fazer exercícios regularmente e simplesmente não conseguem? Existe uma determinação genuína, mas é insuficiente. As decisões racionais, sempre são acompanhadas pelas motivações inconscientes e é neste cenário que o consumismo está inserido.

Consumir é fundamental, necessário e prazero. Por outro lado, o consumismo é prejudicial, dispensável e doloroso. O consumo é limitado, o consumismo é desregrado. Enquanto o primeiro gera uma satisfação mais prolongada, o segundo estabelece rapidamente arrependimentos, angústias e, por vezes, endividamentos. Na realidade, o consumismo que é sempre exagerado e desenfreado, parte de um "endividamento afetivo". Por motivações afetivas, homens, mulheres e crianças buscam freneticamente a satisfação em algum objeto palpável. Isso tem levado milhões de pessoas em todo o mundo às lojas, com a expectativa de que o de bem estar seja ali, encontrado. Estariam todos enganados? Sim e não. Sim porque todos sabem, mais cedo ou mais tarde, que a felicidade, o bem estar verdadeiro e a autoestima não são exteriores, portanto, não podem ser comprados. Ao mesmo tempo, não estão propriamente enganados. Acima de tudo, estão absorvidos pela cultura do ter, ou do parecer ter. Refletir sobre as escolhas financeiras fortalece o seu estilo, sua individualidade e a possibilidade de que você seja um consumidor consciente e não um consumista alucinado.

Quanto custa a felicidade?

Atualmente já estamos suficientemente convencidos da relação entre o dinheiro e as emoções, sobretudo, relacionado à felicidade. Não significa dizer que realmente haja uma ligação direta, mas há uma mentalidade cultural e social que acredita nessa junção. Em decorrência dessa crença se estabelece uma quase obrigatoriedade entre ter dinheiro e ser feliz.

É muito comum ouvirmos: "vou trabalhar neste ritmo até conquistar XXX". Invariavelmente o ritmo de trabalho é alucinante, são horas ininterruptas de negociações, almoços substituídos por lanches, lanches não feitos, exercícios físicos cabulados, maridos, mulheres e filhos relegados. Por vezes, para nos sentirmos mais aliviados, recorremos a Fernando Pessoa na tão conhecida expressão: "tudo vale a pensa se a alma não é pequena". Mas também podemos nos lembrar de Vinícius de Moraes e Toquinho quando nos fazem pensar com a música chamada, não coincidentemente, Testamento:

"você que só ganha pra juntar, o que é que há, diz pra mim o que é que há..."

"você que não para pra pensar, que o tempo é curto e não para de passar..."

"você vai ver um dia em fria você foi entrar, por cima uma laje, embaixo a escuridão, é fogo irmão, é fogo irmão..."

Mas ainda que sejam evidentes os riscos, por que muitos se deixam levar pela tirania da busca pela riqueza? Muitas são as explicações, mas vale refletir sobre as hipóteses levantadas por Pascal Bruckner quando diz que "a riqueza é antes de tudo um espetáculo a ser exibido, que regala os olhos, aguça os apetites, alimenta o rancor." E, se aos olhos daqueles que não possuem riqueza o rancor se instala, é compreensível que tal sentimento seja confundido com infelicidade. Além disso, o grande e universal espetáculo que a mídia promove cotidianamente apresenta pessoas felizes ao terem isso ou aquilo e nessa engrenagem, a riqueza passa a ser vista como a via que possibilita as compras, portanto, que viabiliza a felicidade.

E assim, grande parte da civilização busca a riqueza na tentativa de encontrar a felicidade. Melhor dizendo, busca no ato de comprar o encontro com a tão sonhada felicidade. Afinal, a felicidade pode ser comprada? Inúmeros seres humanos partilham a ideia de que as pessoas são condenadas a competição e a insatisfação. Desta forma, ainda que fosse possível, de nada adiantaria comprar a felicidade, porque logo ela seria consumida e a fome de alegrias se abateria novamente sobre os seus compradores, concomitantemente, a riqueza nunca parece bastar. Então, se estamos fadados a conviver com a falta, precisamos investir a maior parte do tempo das nossas vidas, na busca utópica da sensação de completude e preenchimento, sobretudo, através das compras incessantes?

Posso ser mais feliz se tiver mais dinheiro?

Culturalmente, uma das principais consequências do hiperconsumo é o individualismo "todos querem tudo a toda hora, pois se acham merecedores". Além disso, uma particularidade brasileira muito bem retratada pelo antropólogo Roberto DaMatta é o nossa senso de "aristocracia", ou seja, brasileiros se sentem mais e melhores que os outros e usam o espaço público como se fosse privado; é o famoso "sabe com quem está falando?".

Temos a força também da "era descartável", do "aqui e agora", a "era da urgência", e, sobretudo, urgência de satisfação pessoal. Para que as pessoas tenham um consumo que leve em conta o planeta e o futuro é necessário pensar no coletivo, fazer algum sacrifício em prol do planeta e abrir mão de algum capricho ou escolha pessoal. Portanto, culturalmente, temos uma tendência forte de não cuidado.

Se a "batida" social, cultural e em muitos casos de personalidade, é pelo hiperconsumo, sem crítica, apenas pela satisfação individual de comprar e se o mercado espera que sejamos ávidos consumidores, como poderemos ter preocupação com o planeta? Sabemos que produzimos 30% acima da capacidade do planeta. Para que o planeta sobreviva precisamos reduzir nosso consumo médio pelo menos em 30%, você vê um movimento mundial nesta direção? Temos sim, encontrado corajosas e importantes iniciativas de conscientização, mas ainda é muito pouco.

E a felicidade? A neurociência tem comprovado o que a psicanálise anuncia há décadas: a motivação para o consumo é inconsciente. Antes de mais nada, consumir — obviamente além das necessidades básicas (básicas mesmo) — está ligado à ideia de felicidade, por isso queremos mais e mais, para nos sentirmos, mais e mais felizes.

Precisamos refletir se não estamos nos tornando escravos do consumo. Se precisamos comprar tudo e não conseguimos dizer não, somos livre? Se ao ter mais dinheiro, as pessoas continuarão consumindo sem preocupação com o planeta, com os outros ou sem investir no autoconhecimento e evolução, então a resposta é "não". Com mais dinheiro a felicidade não aumenta, porque o dinheiro não traz, não compra e não garante felicidade.

Para ler 0 poder do planejamento

Os pilares da educação financeira, a inteligência financeira em 5 passos

A inteligência seja em qualquer campo e gênero jamais seria desenvolvida em 5 passos, em função disso, o título é deliberadamente uma provocação. Se a relação com o dinheiro é complexa, a tomada de decisão envolvendo as finanças, mais ainda, então é muito importante que de tempos em tempos, possamos avaliar "o que nos motiva no ganho e no gasto". Pensamento crítico e análise são duas, das chaves do autoconhecimento e do desenvolvimento intelectual e, os cinco passos propostos, são algumas das muitas sugestões de como podemos decidir e praticar aquilo que pode ser mais benéfico para todos nós.

Angústia ou ansiedade não são resolvidas em lojas: se você está ansioso ou triste e tem um impulso para comprar saiba que pode estar preso num processo inconsciente de autoboicote. Isso mesmo, estamos acostumados a receber mensagens subliminares de que ficaremos mais felizes comprando coisas, e em geral, isso não é verdade. Reflita sobre as razões da ansiedade e da angústia e procure resolver o foco do problema e não fuja por uma rota que ainda vai lhe endividar. **Dica prática:** se você sabe que não consegue se controlar, deixe o cartão em casa quando for passear.

Impressione pela inteligência: aparência é importante, pode causar uma boa impressão e abrir algumas portas, mas para que as portas continuem abertas e para que você mantenha algo ou alguém que conquistou, a inteligência é determinante. Principalmente a inteligência financeira. Homens sentem atração por mulheres inteligentes financeiramente e vice-versa. Portanto, invista na aparência, mas não com o dinheiro da sua independência financeira. Dica prática: limite o valor que você gastará em roupas por mês e jamais ultrapasse o que foi estabelecido.

Amadureça financeiramente: se você não sabe exatamente quanto ganha, quanto gasta ou quanto precisa para ser livre financeiramente está na hora de sair da zona de conforto atual – desconforto futuro certamente – e construir seu planejamento financeiro. Anote seus gastos, utilize uma planilha mensal, e acima de tudo, guarde e invista pelo menos 10% da sua renda. Dica prática: leia, faça um curso, assista palestras e se eduque financeiramente.

Compre com muita frequência, mas compre ativos: se você gosta de comprar com frequência, compre, mas adquira ATIVOS, ou seja, compre coisas que lhe renderão dinheiro. **Dica prática:** se está com muita vontade de comprar, compre ações, faça investimento em renda fixa (LCI, LCA, TESOURO DIRETO, PREVIDÊNCIA PRIVADA ou CDB), ou ainda, invista na poupança. A sensação é ótima e faz com que você não se endivide.

Assuma que a falta é benéfica: ao invés de passar a vida tentando não se sentir em falta com a aparência, com os filhos, no trabalho, com o marido ou esposa, ou com você mesmo, saiba que a sensação de falta é benéfica. É ela que faz com que tenhamos vontade de continuar, de prosseguir, de progredir, de construir projetos, de evoluir, de acordar e de melhorar. **Dica prática**: quando tiver a sensação de vazio e quiser preencher com alguma coisa, não gaste um centavo nesta empreitada e analise o que, de fato, está deixando você com a sensação de vazio.

Tipos de compras: merecimento, necessidade ou sabotagem?

Comprar é uma prática social, um pilar da economia mundial e uma forma de obter qualidade de vida. Além disso, uma das características da sociedade contemporânea é a ideia de merecimento, então gostamos de ganhar presentes ou mesmo nos presentearmos. Quantas vezes você ouviu ou disse: "vou comprar, eu mereço". Estamos diante da *Compra Merecimento* que é prazerosa, importante econômica e socialmente, e, é uma ferramenta de recompensa.

Outro tipo existente é a *Compra Necessidade*, aquela que não pode, efetivamente, deixar de ser realizada, é "o pão nosso de cada dia". São os itens que fazem parte do pacote de sustentação básico: alimento, moradia, saúde. Sem entrar nos pormenores do "conceito elástico" de necessidade, todos sabem, verdadeiramente, quais são as necessidades e quais são os luxos, ou os supérfluos adquiridos. O prazer associado é bem menor, pois a relação é de sobrevivência, onde o que está em pauta é suprir carências e não dar vazão ao merecimento.

E, existe a *Compra Sabotagem* é aquela que não podemos, não merecemos e não precisamos comprar. Ela representa uma autossabotagem. Isso mesmo, é uma forma de não cumprir algum propósito, seja não gastar, não se endividar ou simplesmente não comprar. Ao efetuar esta compra o sujeito está ultrapassando algum limite que ele mesmo – ou outrem – estabeleceu. Em algum campo (financeiro, físico, emocional, familiar, profissional) a Compra Sabotagem vai causar um mal estar. Ainda que num primeiro momento gere prazer, a cobrança será inevitável. Sentimento de arrependimento, culpa, fracasso, impotência ou mesmo cobrança financeira serão os acompanhamentos deste tipo de compra.

Se compramos porque temos necessidades ou porque merecemos ter uma vida confortável, digna e com alguns luxos, muitas vezes usamos o consumo como forma de nos punirmos ou nos fazermos mal. É lógico que não encontramos ninguém que faça isso de forma deliberada e consciente, mas se refletirmos um pouco veremos como nossa mente, é por vezes complexa e nos leva a lugares inesperados e, nem sempre, benéficos. Quantas vezes você ultrapassou um limite? Fez algo que sabia que causaria um prejuízo a si mesmo? Que disse "azar", "depois dou um jeito"?

As estatísticas apontam que milhões de brasileiros gastam além da conta e que prejudicam a si, ao comércio e a muitos outros. É fácil evitar isso, basta escolher o tipo de compra adequado e fugir, correr da Compra Sabotagem, mas como? Não sendo sovina, tampouco, sendo autoindulgente, Mas usando apenas a justa medida entre o excesso e a falta; simples assim...

Formas de manter um planejamento

Planejar, tomar decisões e controlar impulsos são atividades comandadas pelo córtex pré-frontal. Além disso, o sistema límbico, o córtex cingulado, os lobos temporais, parietais, occipitais e o cerebelo comandam "o espetáculo". Cada parte e funcionamento do cérebro determinam comportamentos. Quanto melhor o cérebro funcionar, mais "adequados" serão seus comportamentos e maior será seu autocontrole. Diversos experimentos comprovam que medicação e suplementos adequados melhoram consideravelmente tais atividades cerebrais, aumentando a força de vontade. Então isso é tudo? Uma medicação pode tornar alguém mais determinado? É assim que podemos manter um planejamento financeiro? Sim e não.

Se você luta com todas as suas forças para, por exemplo, manter um planejamento e nunca consegue concluir, vale fazer uma investigação aprofundada da parte funcional do seu cérebro. Por outro lado, se você sabe que sempre reserva forças e desiste antes da hora, aí a história é outra. Agora, vamos pensar só mais um pouco sobre aquela parte que é difícil perceber, mas que interfere negativamente em suas conquistas. O que rouba o bom funcionamento do seu cérebro?1

Então, se você avaliou os itens acima, já sabe o que fazer para deixar seu cérebro funcionando melhor. E claro, uma boa dose de força de vontade também ajuda. Isso tudo é válido, mas o ponto principal é seu mindset, seu mapa mental, ou seja, sua crença. Se você acha que nunca vai conseguir se organizar financeira, provavelmente não conseguirá mesmo. As decisões são baseadas nas crenças, por que você duvidaria de si mesmo?

Manter uma disciplina de planejamento financeiro não é fácil, mas é possível e além de ser muito rentável, pode ser bastante divertido. Arrisque e experimente.

Para ler Tempo e dinheiro

Vantagens e formas de investimento a longo prazo

Com a urgência característica da vida moderna, a noção de longo prazo parece não ser muito bem compreendida. Assim, investir alguns poucos meses pode ser considerado um tempo demasiado, e, não é. Embora o longo prazo, não deva ser "tão longo", as grandes conquistas raramente são atingidas com pouco investimento, seja de tempo, de afeto, de empenho ou financeiro. É incrível como grande parte da humanidade acredita na lei do menor esforço, ou seja, quer receber muito sem investir quase nada. Felizmente, muitos não são assim. As vantagens do longo prazo é que o dinheiro trabalha para você, por mais tempo e é necessário investir uma quantia menor. Vamos analisar um pouco melhor.

Quais são as opções de investimentos para quem pretende resgatar o dinheiro em: 1 ano / 5 anos / 10 anos?

Tudo depende do valor investido, quanto maior o montante, melhores são taxas. Mas, de forma geral, para quem vai resgatar o dinheiro no curto prazo, 1 ano, a melhor alternativa ainda é a poupança, pois tem a maior liquidez. Quer dizer, assim que quiser, conseguirá resgatar seu dinheiro. Já para investimentos de médio e longo prazo, é possível diversificar e dividir parte dos investimentos em renda fixa e parte em renda variável. Mas para quem está prestes a se aposentar o percentual investido em renda variável, como por exemplo, ações ou fundos de renda variável, deve ser bastante moderado, por que? Porque se houver uma queda no mercado (como agora por exemplo), não é a melhor hora de se desfazer deste tipo de investimento, pois a pessoa poderá perder dinheiro. E, nem sempre poderá esperar o mercado ficar em alta para resgatar.

E, mesmo dentro da renda fixa é possível diversificar: parte dos investimentos podem estar no Tesouro direto, parte em LCI, parte em imóveis, parte em CDB e claro, na previdência privada.

O que levar em conta na hora de investir?

A idade de quem está investindo (quanto maior a idade, menor o risco a ser tomado), as necessidades futuras e o perfil da pessoa. Por exemplo, uma pessoa muito segura não tolera correr riscos, então os produtos financeiros escolhidos deverão considerar o perfil. Sugestão: reserve uma pequena parte do dinheiro para investir em renda variável, acima dos 50 anos nada além de 20% dos rendimentos.

Existe alguma quantia média para começar um investimento?

Se a pessoa investiu ao longo da vida, 10% dos rendimentos já é uma boa soma. Mas caso tenha começado tarde a investir, de 20% a 30% dos rendimentos. Ou outra forma de avaliar é a seguinte, quanto a pessoa precisa para ter uma vida equilibrada, vamos imaginar que seja R\$ 3.000,00 por mês. Utilize o aplicativo "poupança para chegar lá" e veja quanto precisa investir.

Quais são os riscos de quem investe?

O maior risco é não investir. Quem não investe nada, tem 100% de certeza de que não terá nada no futuro. Isso sim é correr risco. Agora depois que a pessoa decidiu investir é importante ter alguns cuidados.

- Não ter todo o dinheiro em um tipo de investimento (a regra é sempre diversificar, quer dizer, ter 3 ou 4 tipos de investimentos (poupança, imóveis, previdência, fundo...)
- Procurar instituições financeiras sérias e estabelecidas no mercado
- Desconfiar da rentabilidade (juros) alta, principalmente em renda variável
- Se tiver dúvida consulte a SUSEP, CVM e Banco Central órgãos que regulam as instituições financeiras
- Estudar, ler sobre o assunto e ter persistência.

Por sorte, muitas pessoas reconhecem o valor de uma conquista genuína e de um desejo real. Bons investimentos são frutos colhidos no tempo certo. Porém, vale lembrar que uma das urgências modernas é o consumo e para quem tem como objetivo ganhar mais e evitar o endividamento, uma das formas de obter êxito é abrir mão das vontades e se autorizar a conquistar desejos. E quando aparecer aquela gigantesca vontade de comprar? Pergunte-se: "é mais importante comprar ou construir e fortalecer a independência financeira?". Afinal, conquistar a carta de alforria financeira é um investimento de longo prazo.

Reforma da previdência, como se preparar para mudanças?

O rombo da previdência em 2016 no País foi em torno de 316 bilhões, mas o que cada brasileiro tem a ver com isso? Há chances de que tenhamos que pagar agora pelo "estrago" no caixa da previdência social e, no futuro, não receber um centavo ou, com sorte, ter direito a somente um salário mínimo. A reformulação da previdência social é necessária, como muitos já sabem, há bastante tempo e, sem mesmo entrar na discussão das bases e argumentos de como está sendo proposta, estamos diante de uma das tantas provas sobre a necessidade de nos preparamos para o processo de envelhecimento, inclusive do ponto de vista financeiro.

Com a reforma, nos aposentaremos ou deixaremos de ter obrigação de trabalhar após os 65 ou 70 anos de idade e, quando este dia chegar, ocuparemos o tempo nas filas do SUS ou tentando economizar cada centavo. Casa na praia, finais de semana no sítio, viagens ou cruzeiros serão apenas imagens de revistas, comerciais de TV ou anúncios em mídias sociais, a menos que você transforme esse cenário desde já.

Então, qual é a forma para que você não seja apenas um número estatístico? (E as estatísticas mostram que os brasileiros dependerão do governo ou da ajuda de familiares para sobreviver). Como não esmolar depois de uma vida inteira de trabalho? A resposta é simples: tomando as rédeas do seu futuro.

Para isso, é necessário planejar e tornar as decisões do presente em estratégias de sustentabilidade no futuro. Pensando, analisando e não apenas reproduzindo o comportamento de manada. Manada? Sim, no Brasil ter comportamento de manada é acreditar que o improviso é talento, que o jeitinho é esperteza e que o envelhecimento é apenas "dos outros". A manada não se aprimora e, pior que isso tudo, não quer pensar. A preguiça e a lei do menor esforço se confunde com inteligência. Enfim, a sorte é que não somos homogêneos e as diferenças alimentam nossas esperanças.

No entanto, mesmo para aqueles que sabem da importância do planejamento para o futuro, não é fácil se empenhar a longo prazo para organizar e manter uma reserva financeira. Temos dificuldade em encarar o processo de envelhecimento porque nos remete a noção de finitude. Quer dizer, com o avançar da idade somos lembrados sobre o "futuro de todos nós" que não é apenas a velhice em si, mas a finitude da vida. Um –

na realidade alguns – mecanismo de defesa psíquico e emocional nos leva ao "esquecimento". Negamos que envelheceremos para não nos depararmos com o nosso "período de validade". Grande engano que cometemos porque acabamos envelhecendo sem dinheiro e, muitas vezes, sem saúde também.

A aposentadoria pode ser uma excelente oportunidade de bem viver, de ter mais oportunidade para escolher aquilo que deseja e iniciar outro próspero período de vida. Para isso, é importante levar em conta duas questões muito importantes. Uma delas é o autoconhecimento para saber o que, de fato, dará realização na aposentadoria e o segundo fator é ter recurso financeiro para realizar e manter os desejos.

Reiniciar projetos, não fazer nada, realizar pequenas tarefas, viajar, construir, estudar, empreender, não importa, independente do seu sonho, tenha dinheiro para realizá-lo. Então quando se deve começar a investir para garantir seu futuro? A resposta é ontem. Tempo é o ativo mais preciso que todos nós possuímos, então comece hoje sua reserva financeira e, se está próximo do momento da aposentadoria, potencialize seus investimentos. Com certeza, o dilema entre aposentar ou não e as angústias com o momento de parada serão muito menores se você tiver uma boa reserva financeira. Lembre-se a angústia é inversamente proporcional ao bolso, ou seja, bolso cheio, angústia "quase" vazia.

Quem sabe o número '316 milhões' possa nos alertar. Não precisamos de muito para conquistar independência e dignidade na velhice. Disciplina para, mensalmente, enviar um pouco de dinheiro para o velho que habita em cada um de nós, admitir que chegaremos lá e algum estudo para melhor investir o dinheiro é suficiente.

Para ler A força do não

Dói dizer e ouvir "não"!

"Devemos dizer não aos filhos", "Não se pode dar tudo aquilo que os filhos querem", essas frases são constantemente ditas e a maioria concorda com isso. Todos concordam que dar limite é fundamental, e realmente é. Tanto a psicanálise como outros saberes, mostram e comprovam que o limite é a mola mestre para o desejo, ou seja, sem falta não existe desejo.

Mas, por que é tão difícil para os pais, dizer "não"? Eles sabem que devem privar os filhos de algumas coisas, mas o que quase ninguém fala é da lembrança ruim que se guarda ao ser privado de algo. E ainda, o quanto um pai, ou uma mãe, que sofreram falta de muitas coisas querem evitar a mesma falta, a raiva ou a dor da privação em seus filhos. Afinal ser pai ou ser mãe não é também evitar que o filho sofra?

Além disso, precisam lidar com os argumentos que os filhos usam. Muitas vezes os pais se sentem desarmados, impotentes e sem forças. Ficam em dúvida sobre o modo de agir. Ninguém conhece a linha exata entre dar demais ou ser muito restritivo. Surge então a angústia e a dor de dizer "não".

Muitas teorias indicam caminhos, sugerem medidas, mas é inevitável enfrentar essa angústia. Fugir dos questionamentos é roubar, de si próprio, a possibilidade de ao menos, tentar e analisar aquilo que pode ser "certo", e aquilo que talvez seja "errado".

Considerando que os jovens sofrem um grande apelo comercial, o consumismo tem sido um dos maiores problemas enfrentados pelos pais. Cabe reforçar que a frustração é fundamental para que uma criança possa se tornar um adulto equilibrado. Ter falta de alguma coisa, se deparar com o "não poder ter", é o caminho necessário para que a conquista seja um objetivo. Crescer com a ideia de que tudo é facilmente obtido, transforma uma criança em uma pessoa dependente das satisfações externas.

O mercado de trabalho recebe muitos jovens sem iniciativa, com dificuldade de aceitar ordens e de manter uma disciplina de trabalho apropriada. Será que evitar as frustrações dos filhos é o melhor caminho? Parece que não, portanto, cabe aos pais estabelecerem limites, ainda que enfrentando angústias, ainda que sentindo a dor de dizer não.

O exemplo diz tudo

Muitos pais se perguntam: "Como ensinar as crianças a lidar bem com dinheiro e objetos de consumo?" A resposta é simples, se souberem lidar bem com dinheiro e com as relações de consumo, será fácil ensinar as crianças. Limite é importante, dizer não e avaliar com coerência o pedido deles é fundamental. Gastar, guardar, poupar são escolhas e as crianças precisam entender isso. O melhor caminho é a reflexão entre pais e filhos, mas para isso é necessário investir tempo. É preciso que haja tempo dos pais com os filhos para fazer essa reflexão. A preocupação não deve ser com a técnica, mas com as emoções, ou seja, com o que as crianças estão sentindo quando querem dinheiro ou comprar algo.

Não é tarefa fácil para os pais porque em casa, os filhos são vistos como crianças lindas e ingênuas. Mas, o mercado vê as crianças como potenciais consumidores infantis. Esta é a categoria a qual pertencem diante do mercado. É uma questão tão séria que milhões de dólares são gastos em pesquisas para conhecer, cada vez mais, o que pode ser oferecido às crianças e, principalmente, como os pais são levados a comprar.

Pesquisas mostraram que as crianças pedem de 9 a 10 vezes alguma coisa e depois disso os pais acabam comprando o que os filhos querem. Mas como não é coisa de criança, para aumentar as vendas, pesquisadores descobriram o chamado fator amolação, ou seja, as empresas sabem que os pais vão ceder, é apenas uma questão de tempo, inclusive sabem que tipo de pais cedem com mais facilidade, como por exemplo, os chamados pais indulgentes que cedem a praticamente todos os caprichos dos filhos. Desta forma, são criados métodos que de forma subliminar, são repassados às crianças, tanto para quererem algo, como para conquistarem o objeto que almejam, através do fator amolação. Amolar rende, para quem amola, mas rende muito mais para esta por trás das estratégias.

Vale lembrar que o comportamento que mais incentiva o consumismo é ser um consumista. Uma criança que vê os pais comprarem desmedidamente, ou que têm como principal lazer, fazer compras, está sendo criada para ser um consumista. Quantas vezes vemos nas lojas, crianças choramingando, querendo ir embora e os pais as forçando a ficar? O que elas vão registrar mentalmente? O que em breve vão acreditar ser o correto a fazer? O exemplo é a força mais eficaz na educação, discurso vazio não ajuda a ninguém.

Como analisar o FIM pode ser um bom começo para o consumo consciente infantil?

O que caracteriza o consumismo infantil? Como saber quando a criança está passando dos limites? A verificação é importante para que possamos estabelecer uma linha divisória entre o consumo normal, saudável e sustentável e o consumismo que pode ser encarado como uma doença moderna que atinge em muito as crianças. Para estabelecer uma divisão mais formal podemos considerar o FIM, ou seja, 3 pontos básicos como a frequência, a intensidade e a motivação.



Qual é a frequência com que seu filho ou filha quer alguma coisa? É importante medir objetivamente para que se tenha um parâmetro concreto. É um apelo mensal? Quinzenal? Semanal? Diário? Isso dará uma noção da demanda da criança em relação a algo.



Qual é a intensidade do pedido? A criança é muito insistente? Chora? Faz chantagem emocional? Pede com calma e se resigna? Acata um não? Perceber como a criança se comporta na forma de pedir é outro indicativo se ela está encarando o consumo como algo adequado ou se está sofrendo de consumismo.



Finalmente a motivação é o ponto mais importante, por quê, de fato, a criança quer algo? Em muitos casos temos observado que é para se sentir aceita, segura e mesmo feliz e essa inversão pode ser perigosa. Questões afetivas devem ser tratadas no âmbito afetivo, ninguém pode se sentir seguro por comprar algo sob pena de ter que passar a vida toda comprando para ser seguro, é como se fôssemos terceirizar a segurança, a felicidade e autoestima.

Para resolver os problemas relacionados ao consumismo infantil, reforçamos que é necessário investir tempo. Conversar muito com as crianças, saber o que as leva ao consumismo, dar segurança de que elas serão felizes, confiante e independentes pelas qualidades internas e não pelos objetos externos que elas possam ostentar. Uma das principais heranças que os pais podem deixar para os filhos é ajudá-los a tolerar e a lidar de forma adequada e saudável com a frustração. Tolerar não é ser submisso, mas suportar o espaço de tempo entre o desejo e a realização.

